

A PRESENÇA FEMININA NO RADIOJORNALISMO CEARENSE

Ana Vitória Reis Coutinho Paiva*

Orientador: Alexandre Santiago

1. Introdução

O debate sobre o papel social da mulher é cada vez mais discutido, tanto na sociedade em geral como no meio acadêmico. Há inúmeros projetos, páginas em redes sociais, blogs, personalidades que fomentam essa discussão para que outras mulheres também possam compreender o seu lugar no mundo. Um dos importantes acontecimentos da era moderna que mudou o comportamento feminino e possibilitou o reconhecimento de direitos básicos para as mulheres foi o movimento das Sufragistas no século XIX, que lutavam pelo direito ao voto.

Sufrágio: Processo de escolha através do qual os indivíduos selecionados terão o direito ao voto; processo de seleção feito através de uma votação; eleição. O voto que faz parte de uma eleição¹. Sufrágio, por tanto, é o privilégio ao voto. As mulheres que começaram o movimento sufragista feminino entendiam que as mudanças significativas da vida em sociedade se davam por meio do governo. Quando uma grande parcela da população não possui esse direito básico, os representantes escolhidos para governar não atenderiam as suas necessidades. Pelo voto, as mulheres perceberam que poderiam mudar suas vidas.

As sufragistas serviram de exemplo para a luta feminina. Assim como elas, surgiram grupos como o Femen², que atua de forma radical contra o machismo e o sexismo. Na seção “*about us*” do coletivo Femen está escrito,

In the beginning, there was the body, feeling of the woman's

* Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social – Jornalismo do Centro Universitário 7 de Setembro – UNI7, email: avitoriar24@gmail.com

¹Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sufragio/>

²Site do coletivo Femen: <http://femen.org/>

body, feeling of joy because it is so light and free. Then there was injustice, so sharp that you feel it with your body, it immobilizes the body, hinders its movements, and then you find yourself your body's hostage. And so you turn your body against this injustice, mobilizing every body's cell to struggle against the patriarchy and humiliation. You tell the world: Our God is a Woman! Our Mission is Protest! Our Weapon are bare breasts! And so FEMEN is born and sextremism is set off.

Tendo como um de seus principais ações a nudez de suas integrantes, o grupo é duramente criticado. "De topless, ativistas do Femen invadem conferência muçulmana na França".

A luta das mulheres na comunicação não fica atrás. Apesar de alto o número de mulheres jornalistas, ainda há pouco respeito e equidade na profissão. Em 2016 a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), que foi fundada em 1946, elegeu sua segunda presidente mulher. É interessante ressaltar que em 70 anos de existência, a Fenaj teve apenas duas mulheres em seu cargo mais alto e que, de acordo com a pesquisa "Perfil do Jornalista Brasileiro"³ lançada em 2013, 64% dos jornalistas brasileiros são mulheres.

Em entrevista ao portal Comunique-se⁴ a nova presidente da Fenaj, Maria José Braga, afirmou que:

A eleição de mais uma mulher para presidir a Fenaj - a primeira foi Beth Costa, que esteve à frente da federação por dois mandatos, de 1998 a 2004 - tem um significado político importante, já que as mulheres são maioria na categoria. Tem, também, um valor simbólico significativo, pois as relações de poder no jornalismo são marcadas pelo machismo existente no Brasil

A comunicação voltada para o público feminino, tratava de assuntos que hoje podem ser considerados fúteis ou preconceituosos, como beleza, a vida familiar,

³ Disponível em: <http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>

⁴ Disponível em: <http://portal.comunique-se.com.br/destaque-home/82001-as-relacoes-de-poder-no-jornalismo-sao-marcadas-pelo-machismo-avalia-presidente-eleita-da-fenaj>

saúde, como cuidar da casa e de “seu homem”⁵. O ingresso de mulheres nas universidades, a perspectiva de construir uma carreira e possibilidade de adiamento da maternidade, graças a pílula anticoncepcional, causou impacto à época.

Eugênia Moreyra, é considerada a primeira jornalista repórter do Brasil. Vinda do interior de Minas Gerais para o Rio de Janeiro, Eugênia trabalhou em jornais impressos onde obteve grande destaque por sua inteligência e conteúdo que produzia.

Segundo Almeida (2007):

A polêmica tinha razão de ser, Eugênia não era apenas um nome, representava o avanço do “sexo frágil” em uma profissão que era até então exclusivamente masculina, considerada território para homens destemidos e espertos, na gíria da época para “homens matutos”. O conteúdo das reportagens gerou um segundo debate: para alguns era desrespeito à religião católica tornar públicos os mistérios do convento, para outros era exercício sublime de Jornalismo, exemplo para outros repórteres se espelharem. Toda esta polêmica, enfim, resultou no auge da carreira da primeira repórter do Brasil. Por todo canto do Rio de Janeiro onde havia jornalistas se falava da mineirinha de “oio damnado”, que pela ousadia conquistara seu lugar no Jornalismo. “Oio damnado” sim! quem nunca tinha visto queria ver os olhos de Eugênia, que suscitavam comentários até em reportagens.(p.39)

No Ceará, um dos nomes de destaque no jornalismo é Adísia Sá. A comunicadora que já atuou como radialista, apresentadora de televisão e professora, tem um legado de inspiração para jornalistas iniciantes e experientes. ‘Para o jornalista Paulo Verlaine, que atuou na função em 2008, Adísia foi espelho. “Qualquer um que exerceu essa função tomou a Adísia como referência”⁶’.

Adísia começou sua carreira no jornal impresso, mas logo foi absorvida para

⁵O portal do jornal Folha de São Paulo fez um compilado com assuntos comumente encontrados em revistas femininas dos anos 50. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/foalha/pensata/ult528u42.shtml>

⁶Disponível

em:<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2014/11/08/noticiasjornalcotidiano,3344608/jornalista-adisia-sa-comemora-85-anos.shtml>

outras áreas, como o rádio. Contratada pela rádio O Povo para ser debatedora no programa “Debates o Povo”, ela ganhou uma grande fama nesse meio. “Adísia revelou-se no rádio e, por isso, tornou-se conhecida do povo cearense. Até hoje as pessoas a apontam como a Adísia do rádio, afirma sua biógrafa.” (SOUSA, 2007, p. 6)

O rádio, como demonstra a popularidade de Adísia, é um meio popular no Ceará, o que o torna de extrema importância para entender a relação da comunicação com o povo cearense.

O rádio começou no Brasil em 1919, com a Rádio Clube Pernambuco, mas oficialmente, a primeira rádio do país surgiu no Rio de Janeiro em 1922. No Ceará ele chegou em 1928, com a Rádio Educadora Cearense. Em 1934 a Ceará Rádio Clube foi fundada pelos irmãos José e João Dummar e em 1947 a Rádio Iracema chegou, foi a primeira a ter uma mulher em sua estrutura de cantores. Ayla Maria foi a primeira cantora de rádio no Ceará, conforme apresentado anteriormente.

É um dos meios de comunicação mais antigos e populares. Pelo seu alcance, é grande o número de ouvintes, que variam de classe social. Ele possui programas nos mais variados estilos e programações, que atendem aos ricos e pobres.

Porém, assim como outras áreas da comunicação, o rádio é um meio marcado pela presença masculina desde seu início. Durante o começo das transmissões radiofônicas, as mulheres participavam, apenas, como cantoras ou atrizes de radionovelas. Nessa época, muitos nomes se sobressaíram como Carmen Miranda, Dalva de Oliveira e Araci de Almeida. Em contrapartida era praticamente inexistente a presença feminina da produção de rádio, na locução ou como jornalistas. A presença da mulher no rádio foi limitada até o fim da década de 1970.

Em 1981, ia ao ar o programa “Viva Maria”, que viria a ser um marco tanto para a luta feminista quanto para a participação feminina no rádio. Produzido pela Rádio Nacional AM de Brasília e comandado pela jornalista e radialista Mara Régia, o programa está no ar a quase 40 anos pela Empresa Brasileira de Comunicação (EBC).

Silvia (2015) destaca a importância do programa para a luta social feminina

em busca de seus direitos.

O “Viva Maria” é parte de uma primeira geração de programas de rádio envolvidos com um compromisso de crítica e reflexão sobre a especificidade da condição feminina no contexto das relações sociais. Por isso, constituiu-se como espaço interdisciplinar ao se considerar a multiplicidade de manifestações de mulheres em movimentos populares, em sindicatos, em partidos políticos que trouxeram para discussão na Rádio Nacional questões de cidadania e direitos humanos.(p. 2)

No radiojornalismo cearense, alguns nomes fizeram história como, Maisa Vasconcelos que trabalhou no programa Na Boca do Povo, na TV Jangadeiro, fez parte da equipe da rádio Pajeu FM, da Casablanca FM e da Rádio O Povo CBN; Samantha Marques que está a mais de 30 anos trabalhando na FM 93 e atua como âncora do programa Disque & Toque; e Márcia Vidal Doutora, professora na Universidade Federal do Ceará e especialista em radiojornalismo. Existem também alguns nomes mais novos como Ariane Cajazeiras, Bandnews; Daniella de Lavor, Tribuna Bandnews FM; Paloma Silveira, Rádio 100 FM; e Juliana Ferraz, Rádio Liderança que atuam no rádio.

Porém, dentro da breve pesquisa realizada para este artigo, percebeu-se que há pouca ou nenhuma literatura sobre o tema, o que torna este trabalho de grande relevância.

O primeiro registro que existe de uma mulher atuando no rádio cearense, antes de Adísia Sá, é da cantora Ayla Maria, que chegou na Rádio Iracema, na década de 1940⁷. Os trabalhos acadêmicos que estudam a participação feminina na comunicação, seguem três linhas de pensamento básicas: a mulher como pesquisadora, como objeto da comunicação e como profissional.

Não há um registro histórico e pessoal de como essas mulheres chegaram até o rádio, como se deu a transição de o entretenimento para o jornalismo e como elas foram aceitas. Como explicado e exemplificado anteriormente, muitas

⁷ Arquivo Nirez

jornalistas sofrem preconceito dentro e fora das redações. Portanto, este trabalho pretende pesquisar e relatar a trajetória profissional de radialistas mulheres, cearenses.

A produção de um programa radiofônico envolve várias etapas e profissionais, os trabalhos vão de locutor, redator à técnico de som. Portanto, como objetos para este trabalho serão entrevistadas mulheres que trabalham em áreas diversas do rádio para se ter um espectro mais abrangente de como a participação feminina das produções radiofônicas acontecem.

Locutora. A voz do locutor torna-se a marca registrada de um programa ou emissora de rádio. É de vital importância entrevistar para locutora para entender a vida de uma mulher que trabalha em uma emissora de rádio.

Produtora. Quem comanda os programas, é uma posição de chefia muito importante para a constituição da emissora.

Repórter. Para o funcionamento de programa é necessária a figura do repórter para coletar as notícias. No rádio, esta função é ainda mais importante pela noção de agilidade e atualidade do rádio.

Edição. A parte mais técnica no trabalho em uma emissora, não existem nomes conhecidos de editoras ou técnicas de rádio, portanto, a perspectiva de uma mulher dessa área será única.

2. Referencial Teórico

A história do rádio é repleta de começos. Muitos pesquisadores, físicos, idealizadores, começaram, ao mesmo tempo, testar novas formas de comunicação através de ondas eletromagnéticas ainda no século XIX. Como mostra Magaly Prado em “A História do rádio no Brasil”, o pioneirismo do italiano Guglielmo Marconi lhe concedeu a invenção do rádio.

A partir de Prado (2012):

Finalmente, em 1901, Marconi já dispunha de recursos técnicos e financeiros para a experiência decisiva: uma transmissão transatlântica. [...] Em 12 de dezembro daquele mesmo ano, depois de uma sucessão de esperanças e desapontamentos, chegavam a Signal Hill os três pontos da letra S. O sucesso de Marconi deu início a uma revolução mundial no campo das comunicações. Outros inventores passaram a ocupar-se do rádio, várias reivindicavam a primazia da invenção (na França era atribuída a Brianey, nos Estados Unidos a Lodge, na Alemanha a Staby) [...].” (p. 32)

No Brasil, ainda segundo Prado (2012), Roberto Landell de Moura, “fez suas primeiras experiências anos de 1882 e 1883, nas cidades de Campinas e São Paulo. A mais conhecida foi a primeira transmissão com humana por meio de ondas eletromagnéticas”. Citando Cesar Augusto de Azevedo dos Santos (2003, p. 176) , Prado (2012) conclui que Roberto Landell de Moura “é o primeiro radioamador em telegrafia-fonia e o primeiro comunicador da radiodifusão com a continuação dos contatos no país e no exterior”. (p. 34)

Em 1919, a Rádio Clube Pernambuco fez a primeira transmissão de radiotelegrafia do Brasil. Contudo, a primeira transmissão de oficial de rádio foi em 1922 em prol das comemorações do centenário da independência brasileira. Em um evento organizado no Corcovado, Rio de Janeiro, o discurso do então presidente, Epitácio Pessoa, foi ouvido na capital carioca, Niterói, Petrópolis e em São Paulo.

A solenidade abriu margem para futuros fomentadores do Rádio, como Edgard Roquette-Pinto e para a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, de fato, a primeira emissora de rádio do Brasil. Segundo o historiador e jornalista, Miguel Ângelo Azevedo, mais conhecido como Nirez, a Rádio Clube de Pernambuco não vingou suas atividades por falta de interesse das pessoas, no rádio. “Naquele tempo ninguém ligava para rádio. Então, ninguém quis fazer concorrência para ela [Rádio Clube de Pernambuco]”. (Nirez, 2011)

Após o sucesso da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, foi a vez do Ceará. Em 1928, a Rádio Educadora Cearense surge e inicia o ciclo do rádio no estado. Transmítia boletins informativos, músicas e partidas de futebol, que eram narradas da janela da emissora. Ainda naquele ano, a rádio fechou as portas por falta de ouvinte. Apesar do pioneirismo da Rádio Educadora Cearense, alguns registros históricos datam o início do veículo rádio no Ceará, a partir da Ceará Rádio Clube. Como afirmam PINHEIRO, LIMA e MARQUES (p. 3, 2010), “A história do rádio no Ceará começa com a fundação da Ceará Rádio Clube, PRE-9, em 28 de agosto de 1931 e inaugurada em 30 de maio de 1934, pelo empresário João Demétrio Dummar [...]”.

Já OLIVEIRA e SILVA (p. 266, 2009), citando Dummar Filho em sua obra “João Dummar: um pioneiro do rádio” (2004) ressaltam que “A radiodifusão cearense começou com o empresário João Dummar e seus “seguidores”, com o objetivo de “instalar uma estação emissora de ondas longas, devidamente autorizada pelo governo federal, com a produção de programas de rádio e de atrações artísticas, além da irradiação de notícias locais e nacionais” (DUMMAR FILHO, 2004, p. 30)”.

Em 1931, surge a fundação da Ceará Rádio Clube. “Tratava-se de uma sociedade civil, para agregar os amadores da “Rádio-telefonía” cujo objetivo seria: promover relações entre os próprios amadores por meio de reuniões, irradiações e serviço de publicidade”. Apenas em 1934, a Ceará Rádio Clube passa a ser, de fato, emissora de rádio.

De acordo com Pinheiro, Lima e Marques (2010), durante 14 anos, a emissora foi a rádio de referência no Ceará.

A programação das duas primeiras décadas, quando chegou a transmitir em quatro idiomas, também em ondas curtas seguia a linha da chamada “fase de ouro do rádio”, inicialmente com música erudita, depois incorporando a música popular, os artistas locais e nacionais, os programas de auditório, as radionovelas e o radiojornalismo, inclusive com as reportagens externas e coberturas de eventos esportivos. (p. 3)

Com a realização do primeiro concurso para locutores da Ceará Rádio Clube, a emissora teve em sua primeira formação “Caetano Vasconcelos, José Júlio Cavalcante, José Cabral de Araújo, Raimundo Menezes, José Lima Verde Sobrinho, Luzanira Cabral, Silva Filho dentre outros” (LIMA, 2017). Até o momento desta pesquisa não foi encontrada referência específica sobre Luzanira Cabral. Em OLIVEIRA E SILVA (2009) Luzanira aparece na seguinte nota de rodapé: “Paulo Cabral de Araújo assumiu a Ceará Rádio Clube após a saída de Dermival Costalima. Vindo de Pacatuba para atuar no rádio assim como os irmãos e speakers José Cabral de Araújo e Luzanira Cabral, tornou-se speaker em 1939, dirigiu a PRE-9 e atuou em radioteatros da emissora, destacando-se, por conseguinte, como galã”.

A popularização das radionovelas e programas de auditório traz as primeiras personagens femininas da história do rádio cearense. Ayla Maria, a primeira cantora do rádio, aparece em 1954 na Rádio Clube Cearense. Em seguida, Ayla migra para a Rádio Iracema, fundada em 1948. Como única concorrente da emissora de João Dummar, a Iracema inova com a programação em rede, como afirmam Pinheiro, Lima e Marques (2010):

A Iracema constituiu a primeira rede de rádio do Ceará, com filiais inauguradas em Juazeiro do Norte (1951), Sobral (1952), Iguatu (1962) e Maranguape (s.d). Essa rádio seguia os padrões das emissoras cariocas, inclusive trazendo a Fortaleza os artistas de sucesso da Rádio Nacional. (p. 4)

A partir da década de 1950, aparecem as rádios Uirapuru (1956), Rádio Verdes Mares 810 (1956), Dragão do Mar (1958) e Assunção Cearense (1962), completando o ciclo de emissoras AM na capital cearense.

Uirapuru de 1956, foi a primeira rádio a, de fato, implantar o jornalismo em sua programação. A Verdes Mares (1956), ou Verdinha, foi fundada pelos Diários Associados, depois comprada por Edson Queiroz e ligada aos seus outros empreendimentos. Hoje, é uma das emissoras mais conhecidas e populares do estado, junto com a FM 93, também do Sistema Verdes Mares.

A Dragão do Mar, foi criada com o intuito político. A disputa eleitoral, na época, entre os partidos PSD (Partido Social Democrata) e UDN (União Democrática Nacional), foi uma dos motivos que culminaram na fundação da emissora que era favorável ao PSD. O teor político e a programação esportiva eram as principais características da Dragão do Mar.

A rádio Assunção de 1962 foi “a primeira emissora religiosa da capital cearense”. Fundada pela Arquidiocese de Fortaleza, a proposta da rádio era a educação popular. Diferindo da pregação pelas ondas do rádio, como a maioria das emissoras faz. (PINHEIRO, LIMA e MARQUES, 2010)

Ainda no AM, a primeira mulher a atuar com radiojornalismo, foi Adísia Sá. Aliás, Adísia, foi pioneira no jornalismo cearense como um todo. Conforme Souza (2007):

Era a primeira mulher a integrar uma redação de jornal, até então, de exclusividade masculina [...] Numa época em que às mulheres era destinado casar e cuidar de filhos, quando muito escrever em casa algumas colaborações, como contos e crônicas, Adísia assumia uma posição de vanguarda no jornalismo do Ceará. (p. 5)

Adísia também chegou ao radiojornalismo por acaso, no jornal O Povo, na década de 1980. De acordo com Souza (2007):

Em 1984, fora contratada pelo Jornal O Povo para ser debatedora do programa radiofônico Debate do Povo. Num determinado dia, Dona Carmem Lúcia Dummar Azulay, diretora da rádio, entra de forma agitada no jornal procurando por um jornalista que substituísse um debatedor no programa. Dona Carmem insiste com Adísia para ser debatedora no programa que em instantes entraria no ar. Adísia reluta, mas acaba aceitando o desafio: falar ante um microfone. O interessante que ela mesma se surpreendeu foi que aos poucos, no calor da discussão, Adísia se esqueceu que estava diante de um microfone de uma estação de rádio e apareceu ali outra Adísia: a Adísia do rádio. E surge assim uma outra face de Adísia. (p. 6)

Na década de 1970 o FM chega ao Ceará. A FM Verdes Mares 93,3 MHz foi a primeira emissora FM do estado. “Criada para ser mais um dos símbolos do vanguardismo do empresário Edson Queiroz, a rádio foi inteiramente equipada utilizando como modelo tecnológico rádios americanas da época”. (CANALITO e LEME, p. 57, 2007)

Como mostram Pinheiro, Lima e Marques (2010):

Uma característica bem marcante dessa emissora é a utilização de anúncios testemunhais, especialmente da comunicadora Samantha Marques, o que a torna a principal locutora da emissora e que por isso, já foi convidada diversas vezes a concorrer a cargos públicos nos períodos eleitorais. (p. 8)

Apesar do vasto conteúdo sobre a história do rádio cearense, a participação da mulher, além do cenário de entretenimento, ainda é pouca. Os registros e bibliografias aqui analisados mostram os dois registros mais relevantes, Luzinara Cabral e Ayla Maria. Os dois primeiros nomes femininos que aparecem no contexto radiofônico do Ceará.

Luzinara aqui é compreendida como a primeira locutora mulher da Ceará Rádio Clube e por consequência do estado. Ayla Maria a primeira cantora que começa sua carreira ainda na adolescência quando sua vizinha a escuta cantar e a estimula seguir pelo caminho artístico. (MAIA e ARRAIS, 2014) Após o sucesso no rádio, Ayla seguiu carreira de atriz e atuou em peças infantis, programas de televisão etc.

3. Resultados e discussões

Em entrevista concedida à revista Voz (2017), Adísia Sá, conta que sua mãe foi contra a sua decisão de não construir uma família e que seu pai lhe deu o devido apoio com essa decisão.

Quando comecei ainda como colaboradora n'O Estado e depois passei pra Gazeta minha mãe disse: "Não vai trabalhar, não, minha filha" Só tem homem nesse jornal". Aí, meu pai, que era uma pessoa muito calada e a única coisa que se ouvia dele era "sim, senhora", respondeu: "Como é a história? Deixa a minha filha viver a vida dela! Você quer ser jornalista? Então você vai ser jornalista! Primeiro, porque você é filha de homem. Outra coisa, o que você mais vê aqui, na pensão, é homem. E vai ter medo de homem? Ah, vai... Você vai ser jornalista. (p. 31 e 32)

Os novos modelos do rádio, como o FM já citado, proporcionaram as mudanças no papel da mulher dentro do rádio. A mulher surge assumindo papéis de produção, reportagem, locução, direção e outros cargos que trazem consigo, a responsabilidade e o respeito.

A jornalista Marilena Lima, também pioneira no radiojornalismo cearense, no início de sua carreira, trabalhou com esporte. Era locutora de partidas de futebol e se tornou a primeira árbitra do estado. Em entrevista concedida no dia 18 de março de 2017, ela relata que o presidente da Federação Cearense de Futebol, por diversas vezes, tentou barrar o seu trabalho.

Então, a manifestação mais contrária foi o presidente da Federação Cearense de Futebol, o coronel Barroso, e ele chegou a falar com a emissora dizendo que não podia. Mas o chefe da equipe disse "A equipe é minha, eu sei quem vai trabalhar", e os meus próprios colegas, quando a gente entrava para entrevista, muitas vezes - tinha o Océlio Pereira e vários outros que trabalhavam com a gente - que se encarregavam dessa tarefa. As vezes a gente tinha e eles diziam "Marilena deixa a gente entrar na frente" e eles falavam "Vai entrando mulher!". Nunca tive problema, nem por parte da equipe ou jogadores. Teve essa manifestação especificamente do presidente da federação.

4. Considerações Finais

O rádio é um meio democrático. Atende à todas as classes sociais. Como tal em sua estrutura é preciso ter um equilíbrio de presença feminina e masculina.

Relacionar o papel da mulher com o universo do rádio torna-se uma tarefa difícil devido a pouca quantidade de registros. Contudo, começamos pela relação da mulher com os meios midiáticos. Historicamente, como já apresentado na problematização, a mulher lutou por seus direitos, seja em movimentos de cunho feminista ou não.

A conquista por espaço não é específica de uma área de atuação, mas de todas. Seja na comunicação, na engenharia, na saúde ou na tecnologia, o feminino é sempre questionado, estigmatizado e subestimado. Como afirma Feldmann (2009):

É pelo exercício do trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava da igualdade com o homem. A independência concreta do universo feminino esteve ininterruptamente ligada às grandes lutas por igualdade de direitos e, principalmente, às conquistas do século XX, que foram a grande força de propulsão para o reconhecimento da mulher no campo profissional, familiar e na sociedade de um modo geral. (p. 2)

Como afirma também Coelho (2003) sobre as mudanças no papel da mulher.

A primeira metade do século XX caracteriza-se por profundas mudanças nos papéis desempenhados pela mulher na sociedade. Antes restrita aos afazeres domésticos ou, quando muito, exercendo alguma atividade remunerada relacionada a eles - tal como cuidar de crianças, cozinhar, lavar e passar roupas - , ela conquista outras posições no mercado de trabalho, atuando ao lado do homem nas mais diversas profissões. As inovações culturais e tecnológicas têm sobre ela um efeito transformador, ainda maior do que sobre o homem. (p. 157)

Observando as três personagens aqui mencionadas, Adísia Sá, Ayla Maria e Luzanira Cabral, são as primeiras mulheres a revolucionar o rádio no Ceará. Não seguem o padrão de casar e construir uma família como sua prioridade, mas de alcançar o sucesso em suas profissões. Uma jornalista, uma cantora e uma locutora, respectivamente.

7. Referências

PATRÍCIO, Edgar. **A Voz do Ceará: comunicação e educação na trajetória da Ceará Rádio Clube de 1934 a 1948** 2006 UFC Doutorado

SOUZA, Maria Isabel Amphilo R. de. **A Trajetória Jornalística de Adísia Sá**. Artigo apresentado no REGIOCOM 2007 Fortaleza/CE.

ALMEIDA, Lara Monique Oliveira. **Eugênia Brandão: a primeira repórter do Brasil**. 2007. Livro-reportagem.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. **Gênero e Feminismo no Rádio: O Programa Viva Maria da Rádio Nacional**. Artigo apresentado no GT de História da Mídia Sonora, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

Arquivo Nirez - **História do Rádio no Ceará. Documentário sobre a História do Rádio no Ceará** apresentando no Seminário de História da Comunicação do curso de Jornalismo da FAC (Faculdade Cearense) . Exibido em 14 de Dezembro de 2011. Acesso em 16 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SWIBqxnNm6I&t=599s>

IDENTIDADE CULTURAL | **Especial “Rádio no Ceará”**. TV Assembleia do Ceará. Exibido em 23 de novembro de 2013. Acesso em 16 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oDu-zVaWV2M>

Tempos do Rádio. Blog autoral do radialista Assis Lima. Acesso em 16 de abril de 2017. Disponível em <http://temposdoradio.blogspot.com.br/>

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. 1ª Edição. São Paulo, Editora Da Boa Prosa. 2012.

PINHEIRO, Andréa. LIMA, Nonato. MARQUES, Paula. **Panorama do Rádio em Fortaleza**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. 2010

OLIVEIRA, Jackson de Moura. SILVA, Erotilde Honório. **As memórias de Eduardo Campos e a sua atuação no rádio cearense**. Publicado em “História da Mídia Sonora - Experiências, memórias e afetos de Norte a Sul do Brasil”. EdiPURS. 2009

FELDMANN, Ana Flávia. **Mulheres no Universo Midiático: meios de comunicação e equidade de gênero**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, Paraná. 2009

COELHO, Gisely Valentim Vaz. **Mulheres-jornalistas das décadas de 1930 e 1940**. Publicado em “Comunicação Latino-americana: o protagonismo feminino”. UMESP, Adamantina. 2003

ALMEIDA, Assis. ARRAIS, Maia. **Ayla Maria - Voz orgulho do Ceará**. Premium Editora. 2014.

SOUZA, Maria Isabel Amphilo R. de. **A trajetória jornalística de Adísia Sá**. Publicado no Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional - REGIOCOM. 2007

FIGUEIREDO, Luiza Carolina. MELO, Igor de. **Adísia Sá: ontem, hoje e sempre**. Publicada em Revista VOZ. Edição 06. Publicada por BPSJ Serviços de Pulicidade LTDA. 2017

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Editora Dora Luzzatto. 2007

SCHACHT, Rakelly Calliari. **O feature radiofônico alemão:** tendências e transformações. Publicado no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife. 2011